

A CULTURA QUILOMBOLA NA ESCOLA: compreendendo os desafios das diferenças culturais



CARVALHO, Vitória Sabino
MEIRELES, Gabriela Silveira – ORIENTADORA
Curso de Pedagogia



INTRODUÇÃO

Quando se fala em cultura quilombola é preciso voltar ao passado, no sentido de compreender as lutas e as conquistas feitas pelos escravos negros e africanos, fugidos no período da escravização, os quais trabalharam e lutaram pela liberdade e pelos direitos sociais e políticos que historicamente foram negados a esses indivíduos. Os quilombolas, nesse sentido, evidenciam tais lutas e um movimento de resistência ao movimento escravista, além de manter visíveis as raízes e a cultura africana no Brasil (MOURA, 1994).

A cultura quilombola está presente nas escolas através dos hábitos e costumes, que na maioria das vezes são transmitidos por meios das festividades, crenças e alimentação. Esses costumes representam uma ligação entre a comunidade e a escola. Conforme aponta Moura (2011), o reconhecimento de uma educação diferenciada para estudantes quilombolas coloca um grande desafio para os sistemas de ensino, gestores e professores brasileiros, cuja superação exige ampliar o conhecimento acerca deste grupo populacional, recomendando a inserção da história e cultura quilombola nas escolas.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é compreender de que modo a cultura quilombola é abordada no contexto escolar, percebendo os desafios enfrentados pelos docentes e pelos discentes. Sendo assim, a questão de pesquisa que se coloca é a seguinte: como professores e alunos lidam com a cultura quilombola na escola?

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracterizou-se como qualitativa, básica e descritiva. A entrevista semiestruturada foi o instrumento de pesquisa escolhido para esta investigação. De acordo com Gil (1999), esse tipo de entrevista busca relacionar os pontos de interesse do pesquisador e também deixar um espaço aberto para que os sujeitos pesquisados também contribuam e modifiquem o rumo da conversa.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública estadual da cidade de Ubá/MG, mais especificamente com professores das disciplinas de Química, História e Geografia/Sociologia, bem como com três alunos/as do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, através de entrevistas que foram audiogravadas e depois transcritas. Sobre os/as participantes da pesquisa, foram entrevistados 3 professores e 3 alunos do Ensino Médio. Os aspectos éticos também foram respeitados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os dados obtidos, foi possível notar que os professores têm uma compreensão semelhante sobre a cultura quilombola. O Professor 1 disse: *“a cultura quilombola faz parte da nossa cultura, né? É a manifestação das origens e das influências que nós recebemos da presença africana que veio pro Brasil... por intermédio dos colonizadores”*. A Professora 2 afirmou: *“a cultura quilombola é a cultura remanescente, é aquilo que sobreviveu ao longo dos tempos... dos povos que foram explorados, dizimados, considerados mercadorias, considerados objetos”*. O Professor 3 comentou: *“A cultura quilombola é uma cultura que tenta valorizar, busca valorizar as características do grupo negro, né? Das pessoas pretas, né? Que fizeram, fazem parte, tem familiares de origem da escravidão, né?”*. Diante disso, é possível afirmar que, é possível afirmar que esses professores compreendem as lutas, as conquistas e a trajetória do povo escravo negro e africano, bem como seus modos de vida e sua história, como bem apontou Moura (1994).

Quando questionados se a escola trabalha a cultura quilombola, o Professor 1 respondeu: *“Sim... a gente trabalha a cultura quilombola praticamente todos os dias quando a gente tá... eh... não só trabalhando os*

conteúdos que nos são impostos pelos livros didáticos, como também a gente está sempre fazendo essa interdisciplinaridade... trazendo essa manifestação, essa valorização da identidade quilombola pros nossos alunos... já que muitos são pertencentes a essa cultura, a essa realidade”. Já a Professora 2 reconhece que existem tentativas de abordar o assunto, mas entende que ainda há mais a ser feito: *“A gente trabalha, mas eu confesso que a gente precisa... a gente ainda precisa aperfeiçoar”*. O Professor 3 reconhece que existem avanços, ou seja, que a escola tem feito alguns movimentos para trabalhar a cultura quilombola no cotidiano da escola: *“Trabalha... a cada ano a Semana Quilombola tem buscado fortalecer mais esse vínculo dos alunos com a sua cultura quilombola... Com palestras, com ciclo de danças e capoeira, buscando fortalecer isso nos alunos”*.

Quando perguntado aos professores sobre o que os alunos sabem sobre a cultura quilombola, todos apontaram que a maioria sente vergonha ou dificuldade em se identificar como tal: *“Bom, eles sabem... eles não gostam de manifestar por vergonha ou por receio de serem debochados”*; *“quando você fala da cultura quilombola, a gente está falando do dia a dia dos nossos alunos, das coisas que eles vivenciam... e às vezes eles não se identificam, né?”*; *“Muitos sabem, né? Mas muitos também... queiram ou não... sentem um pouquinho de vergonha da origem quilombola”*. Conforme aponta Moura (2011), mesmo que isso não esteja de antemão construído, o importante é que a escola seja reconhecida como um lugar de construção de ideias sobre o mundo e de sensibilização acerca da própria cultura quilombola.

Quando questionado aos alunos se eles consideravam esta escola uma “escola quilombola”, todos responderam que sim. Contudo, quando perguntado se eles achavam que precisaria mudar algo nesta escola para que a cultura quilombola fosse mais valorizada, todos indicaram que sim. O Aluno 1 respondeu: *“Sim... propor mais projetos durante todo o ano. Não só algumas vezes... Mas falar mais sobre isso dentro da sala de aula, não só em duas matérias, falar em todas”*. O Aluno 2 acrescentou: *“Sim... fazer palestras, mais atividades fora e dentro da sala de aula, ter Feiras... isso”*. O Aluno 3 disse: *“Sim... eu acho que deveria fazer mais visitas a museus”*. Como apontam Hasenbalg e Silva (1988), faz-se indispensável trabalhar o respeito mútuo e combater o preconceito e o estigma em torno de algumas culturas, como é o caso da cultura quilombola.

CONCLUSÃO

A pesquisa evidenciou que os professores reconhecem a importância de trabalhar a história da cultura quilombola junto aos alunos e que eles se empenham ao máximo para fazer isso cotidianamente na escola. No entanto, eles mesmos reconhecem que esse trabalho talvez seja superficial, visto que é feito de forma mais efetiva somente durante a Semana Quilombola ou a Feira Quilombola, de modo que no restante do ano essa temática seja um pouco preterida em relação aos conteúdos formais. Portanto, verificou-se que os alunos têm uma vaga noção da história da cultura negra e africana, mas reconhecem que os professores tentam trabalhar esse conteúdo em sala de aula, ainda que não falem nada especificamente sobre os quilombos.

REFERÊNCIAS

- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.
- MOURA, Clóvis. **Rebeliões na senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- HASENBALG, C. A.; SILVA, N. do V. **Estrutura social, mobilidade e raça**. São Paulo: Vértice. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.
- MOURA, M.G. **Texto-referência para a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Conselho Nacional de Educação. Brasília-DF, 2011. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9200-texto-referencia-educacao-escolar-quilombola&Itemid=30192. Acesso em: 17 abril de 2022.